

A propagação das idéas e conhecimentos uteis é uma empresa generosa, e proficua á sociedade.

# O PROPAGADOR.

A boa vontade, união, confiança constituem a mais poderosa alavanca dos progressos sociaes.

## Assignaturas.

POR ANNO ..... 8\$000  
POR SEIS MEZES ..... 5\$000  
FOLHA AVULSA ..... 240

Publica-se uma vez por semana. Os socios tem uma columna gratis, e os assignantes meia columna, e o excedente, e mais publicações á 100 reis por linha.

## Assignaturas.

POR ANNO ..... 8\$000  
POR SEIS MEZES ..... 5\$000  
FOLHA AVULSA ..... 240

ANNO II.

SABBADO 19 DE FEVEREIRO DE 1859.

N. 57.

## O PROPAGADOR.

### VISTA RETROSPECTIVA.

Agora que, livres do pesadelo que nos suffocava, começamos a respirar com mais liberdade: agora que temos terminado a luta de honra e patriotismo, em que nos havíamos empenhado: agora que, com a nova administração, começa uma época nova para o Piahy; é tempo de lançar uma vista retrospectiva sobre o nosso passado, e de examinar se temos ou não cumprido nossa missão e promessas.

Quando em janeiro do anno preterito encetamos esta publicação, achava-se o imperio em uma época de paz e tranquillidade, em que as antigas lutas e divergencias partidarias, com seu cortejo de paixões, odios, e reacções, parecião extinguir-se, e ceder o campo á razão calma, á fusão dos principios e dos partidos, ao desejo de melhoramentos, ao espirito de associação, e ao genio das empresas.

O sr. dr. João José de Oliveira Junqueira, que alguns mezes antes tomara a administração da provincia, dizia-se sincero partidario dessa situação, e vontadoso de realisar entre nós, a politica de concordia e de melhoramentos.

Estas circumstancias erão sem duvida favoraveis ao desenvolvimento de nossa provincia; e pois, ambicionando-o ardentemente, julgamos conveniente auxiliá-las, publicando um jornal, que combatesse a exageração dos partidos, e promovesse sua moralisação, e a conciliação e concordia dos Piaubyenses, instruindo-os ao mesmo tempo sobre os seus deveres, necessidades, e meios de satisfazê-las.

Ardua, e espinhosa era a empresa, e sem duvida dar-lhe-hiamos de mão se a confrontamos com as nossas forças; mas, só a medimos por nossos desejos de servir á provincia; e por tanto appareceu o jornal.

A maior harmonia e confiança parecia existir entre a redacção e o presidente da provincia, sendo prova disso o titulo, que este acceitara, de presidente honorario da sociedade que sustentava o jornal. É que sem duvida as promessas do presidente agradavão á redacção e á sociedade; e que as ideas destas merecião a approvação da presidencia.

Ora, entre essas ideas sobresahia uma, que foi apresentada logo no 1.º

n.º, e depois no 7.º deste jornal, como seu intento principal, como condição e resultado essencial da conciliação; a saber—a realisação do principio constitucional da admissibilidade de todos os cidadãos aos cargos publicos, sem outra differença que a de seus talentos e virtudes, e sem attenção á suas opiniões politicas, ou partidos.

O sr. Junqueira, pois, implicitamente acceitou este pensamento, e comprometteo-se a executá-lo.

Não houve porem somente esse compromisso tacito: já no n.º 33 declaramos, e não foi contestado pelos jornaes presidenciaes, que s. exc. por mais de uma vez prometteo que, depois que o sr. Villaça tomasse conta da policia, praticaria sinceramente a conciliação, attendendo tambem aos liberaes nas nomeações que houvesse de fazer por essa repartição, no que o embaraçava o sr. Mendes, chefe interino, com quem, por amor da mesma conciliação, não convinha entrar em conflictos, e desintelligencias, estando tão proximo a chegar o seu successor.

Os conciliadores, pois, que, acceitando essa explicação e promessa, acreditando nos discursos do sr. Junqueira, e dando excessiva importancia a alguns actos de mera justiça, nenhum reparo, nenhuma queixa haviam feito das nomeações exclusivistas da longa interinidade do sr. Mendes, tinham direito de esperar que as coisas mudassem logo que chegasse o sr. Villaça, realisando s. exc. as ideas que mostrava partilhar, e cumprindo suas promessas.

A chegada porem do sr. Villaça foi um desengano fatal para os conciliadores: s. exc. exigio que aquelle sr. propoesses para delegado e supplentes do novo termo da Independencia, desmembrado de Principe Imperial, individuos que todos reconhecem como exagerados e ferrenhos saquaremas, membros da facção que annos tyrannisa aquelles termos, e, o que é mais, alguns até compromettidos e processados pelo horroroso assassinato do padre Ignacio, chefe de uma familia numerosa, e de um partido importante. Em vão objectou o sr. Villaça com estas informações, com os seus escrúpulos, e com os principios e necessidades da politica de conciliação: o sr. presidente cerrou ouvidos a tudo, impoz sua caprixosa vontade, e fez as nomeações.

Tinhão ou não os conciliadores ra-

zão de sobra para se queixarem do presidente, para qualificarem suas promessas de hypocritas, sua politica de insidiosa?

Ninguém o negará, principalmente se attender:

Que o termo de Principe Imperial, comprehendendo o desmembrado da Independencia, á longos annos geme sob o desastroso dominio saquarema, sob o jugo exterminador de uma familia, que, cega de odios, sequiosa de vinganças, faminta de victimas, só tem para seus contrarios bacamarte e punhaes, recrutamento violento e processos monstruosos, ferros, e todo o genero de perseguições e affrontas:

Que naquellas nomeações não entrou um só liberal, um só conciliador, um homem neutral, ou ao menos um saquarema moderado:

Que as mesmas nomeações, não sendo motivadas por demissões, mas sim pela criação de um termo novo, não se poderião, de forma alguma, considerar reacções recabindo em pessoas alheias á facção, mas honestas e moderadas.

Pois bem! a pesar de tudo isso, o *Propagador* não usou do direito que lhe deo o sr. Junqueira, e apenas, pesado e cheio de attensões e delicadesas, manifestou no n.º 9 de 20 de março a surpresa e sentimento que lhe causarão taes nomeações, attribuindo-as unicamente á informações infieis, e assegurando que continuava a esperar a promettida conciliação.

S. exc. porem não arripou carreira, antes parece que, despeitado, e certo de que havíamos penetrado nos refólhos do seu espirito, não procurou mais desfarçá-lo, e, tornando-o cada vez mais transparente, chegou finalmente ao adiamento illegal e caprixoso da assemblea provincial, aos insultos mais pungentes contra seus membros, e á uma declaração terminante e provocadora (*Correio Piaubyense* n.º 94) de que os liberaes erão exigentes, insaciaveis e reaccionarios, e nada mais devião querer, nem tinham a receber.

Então o *Propagador*, que até ahí continuara á poupar o sr. Junqueira, limitando-se á ligeiros reparos, quando as circumstancias não lhe permittião inteiro silencio, não pôde ensurdecerse á indignação geral, e começou uma analyse vigorosa, mas justa, leal, e decente dos actos da presidencia, como se pode ver do mesmo jornal, e particularmente dos n.ºs 26, 29, e seguintes.

Esse arrôjo custou-nos caro e aos nossos amigos: demissões, suspensões, processos acintosos, tudo se empregou contra nós: nem nossa vida, nossa reputação e probidade escaparão ao ódio da presidência, e dos collaboradores de seus jornaes e correspondencias! Para elles, e assim muitas vezes o declararão, só ha moralidade e honestidade entre os saquaremas puros; todos os mais são velhacos, ladrões, caloteiros, prevaricadores, revolucionarios, assassinos & c.

Eis á que gráo de delirio, frenesim e immoralidade elevou o sr. Junqueira a sua imprensa assalariada, elle que deverá e poderá moderar-a, dar-lhe uma conveniente direcção, á fim de harmonisar, como lhe cumpria, a familia Piauhyense. Quem quizer convencer-se da verdade do que dizemos leia principalmente, e além de outros, os n.º 94 e 98 do *Correio Piauhyense*, 5, 7, 8, 9, 13 do *Expectador*, e n.º 48 do *Propagador*, onde vem uma analyse minuciosa daquelles.

Assim, tantas vezes, e tão descomunalmente provocado pelos actos violentos e vingativos da presidência, e pelos insultos e diffamações dos seus jornaes, merece o *Propagador* desculpa, se alguma vez se excedeo, se preocupou-se mais da polemica, da marcha da administração, do que dos outros assumptos promettidos no seu programma.

Em frente de uma administração exclusivista, desvairada e esbanjadora, como demonstramos sem refutação dos seus jornaes o nosso primeiro dever, por amor da conciliação e da prosperidade da provincia, era combatel-a, e por patentes os seus excessos e desvarios, já que foi surda aos reiterados convites que lhe fizemos para entrar na verdadeira senda de imparcialidade e concordia.

Cumprindo esse dever com franqueza, energia e coragem posemos um dique aos desregramentos do presidente, que muito mais fataes terião sido á provincia, se, covardes, nos houveramos deixado intimidar pelas perseguições e ameaças; e talvez apressassemos a sua queda, e com ella uma situação mais favoravel á politica de conciliação, e aos melhoramentos da provincia.

Nossos adversarios, sempre injustos, tem nos feito graves arguições e censuras.

Examinemos algumas.

O *Propagador*, dizem, só se tem occupado de irritar os animos, calumniar e mentir, e nada tem publicado que interesse, excepto algum plagio.

Temos consciencia de haver sempre mantido uma linguagem decente, e verdadeira, sem provocar, e insultar a pessoa alguma.

Nossas censuras á presidência sempre recahirão somente sobre os actos da administração; e nunca entenderão com o homem, e menos com sua vida privada, com sua honestidade.

Erros e inexactidões nos escaparião, porque é impossivel evital-os de todo

na publicação a mais conscienciosa, principalmente da opposição que muitas vezes, como nos aconteceu, não pode obter informações exactas nas repartições, e não ha de deixar de criticar o acto digno disso, pela possibilidade de alguma inexactidão. Se taes descuidos constituem mentiras, são mentiras inevitaveis, nas quaes tem cabido os escriptores mais honestos.

Nossas criticas e censuras nunca foram irritantes: a irritação, se alguma houve, provinha somente dos actos máos que estigmatizavamos—seus autores são os unicos responsaveis; e se nos devéramos callar, annullado ficava o direito de censura e opposição.

Muitas vezes fizemos justiça, e reconhecemos merecimento em nossos adversarios politicos: apenas á alguns poucos e indeterminadamente chamamos traficantes politicos, ou feses que devêrão ser expellidas das posições officias: nisto não ha injuria, porque é sabido que em todos os partidos se encontrão garimpeiros.

Tendo de demonstrar a alta inconveniencia de certas nomeações para Principe Imperial, fomos forçados a fallar dos crimes de individuos, cujo predomínio odioso se tem ali mantido a todo o transe; mas esses crimes são factos determinados, publicos, e discutidos nos tribunaes, e na imprensa.

Ultimamente em nosso n.º 39 declaramos em termos vigorosos porque não respondiamos ás incessantes diatribes e provocações que nos erão dirigidas: se ahí ha injuria não é aggressiva, e poupou-nos de chafurdar-nos em uma discussão de ultrajes e affrontas para que constantemente eramos desafiados.

Tudo isto porem (e de novo instamos a que nos mostem, que por outros termos, ou modos temos injuriado algum) differe muito da diffamação geral, dos reiterados insultos e improperios, de que os srs. do *Correio*, do *Expectador*, e das correspondencias do *Observador*, fizeram um systema para combater os redactores do *Propagador*, e o partido conciliador, como se pode verificar dos n.ºs daquelles jornaes já atraz citados.

Quanto a esterilidade desta publicação e aos plagiatos, apenas accrescentamos ao que atraz observamos, que somos os primeiros a reconhecer, não plagios, que queremos ver apontados, mas sim a fraqueza de nossos escriptos, que certamente ficão muito abaixo dos profundos e luminosos artigos do *Expectador*, a cujos sabios redactores não podemos emparelhar, e menos instruir; mas, a pesar disso parece-nos que alguma coisa temos publicado sobre a politica, a moral, a justiça e industria que pode utilizar aos menos instruidos. No entretanto fazemos votos para que o *Expectador* supra nossas lacunas.

Arguem-nos tambem os *Expectadores* de ingratos ao sr. Junqueira, de quem o partido liberal, e os redactores

do *Propagador* sem excepção, receberão muitos favores.

Essa questão já foi perfectamente ventilada nos n.ºs 33, 34, e 35 deste jornal, nos quaes demonstramos que o partido conciliador nenhum favor deve ao sr. Junqueira; e quanto aos redactores, por vezes temos declarado, provocando a que nos desmintão com factos, que nada lhe pedimos, nada delle recebemos, a excepção da reintegração do sr. capitão Pereira Nunes, e da reforma do sr. coronel Livio Lopes, que, apesar de serem actos de justiça, não duvidamos reconhecer, e agradecer. Esses actos porem que tiverão lugar no começo de sua administração, quando se não tinha resolvido a hostilizar-nos, e algum outro com que por ventura obsequiasse a alguém do nosso lado, de nenhuma forma nos devêrão impôr silencio, e obrigar a supportar os seus desatinos, e as muitas offensas com que retribuiu a sincera e dedicada cooperação que lhe offerecemos.

Sois contradictorios, hypocritas, e exclusivistas, dizem ainda: formaes uma opposição injusta, desmoralizadora, e ruinosa aos interesses da provincia; e só respiraes odios, vinganças, e reacções, affectando animo conciliador para chegardes ao vosso fim: é por isso que elogiaveis o presidente, e seus actos, e inopinadamente passastes sem razão á guerreal-o.

A resposta desta accusação tambem se encontra nos n.ºs 38 e 36; mas, apesar disso, e do que já dissemos no começo deste artigo, faremos ainda algumas observações.

Em nosso vehemente desejo de harmonisar e cooperar com a administração para fazer o bem da provincia: em nosso entusiasmo pelas ideas de conciliação e progresso, que o sr. Junqueira tinha sempre na boca: em nossa necessidade de descançar da flagellação Catanhal, acreditamos nas promessas e sinceridade do presidente.

Um acto bom, por ex., a reintegração do sr. thesoureiro Pereira Nunes, podia ser dictado por um puro sentimento de justiça, por um sincero desejo de conciliar; ou por um calculo ou por uma necessidade.

Um acto máo, v. g., a compra da casa de Joaquim de Mello, certas nomeações de policia, podião provir de um erro involuntario, da necessidade de evitar interpretações inexactas e desharmonisadoras; ou de um proposito deliberado, de uma tendencia para certo lado.

Quem podia desde o principio descortinar com segurança as verdadeiras intenções?

E pois, em nossa tolerante e conciliadora disposição de espirito, eramos leva-dos, a pesar das apprehensões de alguns, á interpretação mais favoravel ao presidente: o bem applaudiamos e consideravamos prova de sua sinceridade: o mal, calavamos, e desculpavamos.

Não era justo e louvavel o nosso procedimento?

Não é elle uma prova de nossa moderação e tolerancia?

Deve-se julgar mal dos homens, e dos governos, fazer-lhes logo guerra somente por alguns actos, que podem ter uma explicação rasoavel, ou desculposa?

Não aconselhava a politica conciliadora, que sinceramente abraçamos, a maior prudencia e reflexão?

Depois porem vierão actos que punhão perfeitamente á descoberto e em relevo o character do presidente, e suas tendencias; actos inteiramente ruinosos e aggressivos, que nenhuma desculpa, nenhuma explicação rasoavel podião ter. Como haviamos de toleral-os? E attenda-se que só lhes fizemos decidida e vigorosa opposição, depois que sua reiteração, multiplicidade e gravidade nos dissipou toda a esperanza, e convenceo os mais incredulos de que o presidente se havia fixado definitivamente nos arraiaes do exclusivismo odiento e vingativo.

Esses factos não nos revelarão tambem os motivos e intenções anteriores de s. exc.? Não nos habilitarão para avaliar os seus antecedentes de um modo differente daquelle porque o haviamos feito?

Onde estão as provas de nosso exclusivismo, odio, desejo de reacções, e hypocrisia politica?

Já as temos por vezes pedido, e ainda nol-as não apresentarão, nem com sophismas, e antes reconhecerão no n.º 98 do *Correio*, fazendo-nos disso uma culpa, que procuravamos harmonisar com nossos adversarios.

Todavia asseverarão que haviamos excluido de nossas chapas para deputados provinciaes todos os conservadores. Mas, só as organisamos em dois circulos, e nellas entrarão os srs. conego Claro, Galdino Ramos, Clementino Martins, Francisco Mendes, Lobão, Correia, e Eneas, os quaes, menos o ultimo, sempre forão conservadores; o sr. dr. Eneas deveriamos suppôr em dissidencia por causa da posição, á nós contraria, que em Valença havião tomado seus manos.

Donde constão nossos odios, nossas exigencias de reacções e vinganças?

Deste jornal, não. Leia-o quem quizer, e especialmente os n.º 11, 19, 21, e 36, e verá a calma e moderação, com que respondemos sempre á nossos adversarios ainda quando mais indignamente atacados o modo justo e tolerante porque sempre julgamos os homens do lado conservador: verá que nossas exigencias sempre se limitarão, para o futuro, á partilha igual dos encargos e vantagens sociaes, segundo os merecimentos, como prescreve a constituição; e para o presente, á simples expurgação de algumas feses do paiz official, reconhecendo que muitos empregos estavam bem providos, embora em conservadores nossos adversarios, pois que para nós era indifferente o partido do empregado.

De nossas conferencias com o sr. Junqueira, tambem não, porque nada

lhe pedimos no sentido de reacção, nem os seus amigos ousarão revelal-o ainda, embora provocados.

De nossos actos, menos, porque fóra inteiramente das posições officiaes, nada com ellas poderamos manifestar; e na condição particular, não tememos que nos apontem factos.

Tudo pois se reduz á declamação.

Nossos adversarios chamando nossa opposição injusta, desmoralisadora, e ruinosa á provincia, não se occuparão ainda de demonstral-o, nem pela necessidade de justificar seu mimoso presidente, em defesa do qual quasi que uma só palavra não disserão.

Recorrem á opposição que soffreo o sr. conselheiro Saraiva, quando presidente desta provincia, e pretendem fazer-nos responsavel della.

Mas, quem não sabe que essa opposição, provocada por gravissimos interesses, que punhão em movimento muitas paixões, merece desculpa de alguns excessos que commetteo, desculpa que o sr. Saraiva, sempre calmo e rasoavel, foi, e è o primeiro a conceder-lhe?

Quem não sabe que essa opposição foi muito assoberbada, não pelo tolerante e justo presidente, mas por alguns individuos que julgavão tornar mais valiosos seus serviços á causa da mudança da capital, irritando, maltratando, calumniando os que lhe erão oppositos?

Quem ignora que nessa opposição militarão muitos conservadores, alguns dos quaes apoiavão o sr. Junqueira, e devem agradecer as arguições que lhes fazem seus amigos?

Quem desconhece que a opposição feita ao sr. Junqueira, composta, seuão em maioria, ao menos em grande parte, de todos os liberaes e de muitos conservadores do norte da provincia, que apoiarão o sr. conselheiro Saraiva na questão da mudança, è muito distincta da opposição á este sr., e não pode carregar com as culpas della?

Ha pois injustiça na confusão de uma com outra opposição; e injustiça ainda em revolver esse passado, e re-eriminar tão acrimoniosamente a homens que merecem toda a consideração, e toda a desculpa.

Nossa opposição desmoralisadora, e ruinosa á provincia!

Nunca vimos uma opposição mais moralisadora e patriotica, e que melhor comprehendesse a dignidade e importancia de sua missão.

Não precisamos remontar-nos á épocas passadas, em que as opposições se lançavão desenfreadamente no campo dos convicios, dos improperios, das affrontas de toda a casta contra os presidentes, e seus sectarios, negando-lhe, todos os meios de governar, e embaraçando todas as medidas de utilidade. Essas ao menos acompanhavão o espirito vertiginoso do seu tempo.

Bem proximas de nós, e em época de calma e concordia, temos as opposições, que os correligionarios do sr.

Junqueira, e do seu *Espectador* fizeram na Bahia ao sr. Cansansão, e estão fazendo no sul ao sr. Ferraz.

Com essas de certo não podemos ser comparados.

Nunca nos occupamos, como elles, com a vida intima do presidente; nunca lhe liberalisamos epithetos affrontosos, taes como estúpido, malvado, improbo, vendido, devasso & &; nunca pregamos a desobediencia e a insubordinação; nunca concitamos a revolta; nunca posemos estorvo á administração e ás autoridades; nunca embaraçamos a realisação de qualquer medida proveitosa. Os nossos escriptos são prova de tudo isso: appellamos para elles.

Nosso procedimento foi inteiramente diverso; e todas as vezes que se tratou de algum melhoramento, nós, opposição energica e decidida, insultada, calumniada, e perseguida, sacrificamos nossas resentimentos, esquecemos as offensas, e prestamos á administração todo o apoio para realisar esse melhoramento: assim, por ex., lhe emprestamos, para compra de um vapor, 17 contos de reis sem premio algum por um anno, e com o modico premio de 9.º nos seguintes; e o auxili-mos, mais efficazmente do que seus amigos, na organização de uma companhia para a navegação do rio Parnahyba, tomando maior numero de acções do que elles; concorrendo a todas as conferencias, embora fossem no palacio, onde a muito não pisavamos; prestando todos os serviços que podemos, e encarregando-nos até da direcção da empresa.

Neste assumpto elogiámos e coadjuvamos sempre as vistas do sr. Junqueira: apenas censuramos alguns erros que commetteo, pretendendo realisar a navegação por conta da provincia, em vez de começar pela incorporação de uma companhia, como a final reconheceo melhor; mandando á custa da mesma provincia comprar um vapor, que, se cá chegar, lhe ficará por alguns 70 contos de reis, quando a companhia poderia tel-o adquirido por menos da metade, a exemplo da do Maranhão & &.

Por tal procedimento mereceremos a qualificação de opposição desmoralisadora, e ruinosa á provincia?

Longe de o pensarmos, nos ufanavamos de haver concluido nossa tarefa de uma maneira digna e honrosa; nos ufanavamos do papel que Deos nos ajudou a fazer, e lhe rendemos infinitas graças por nos ter armado de coragem, e resignação bastante para afrontar as iras do poder, e tragar pacientemente o insulto e a diffamação, que sobre nós vomitavão os seus adoradores.

Desejamos e acreditamos que tão cedo não nos acharemos empenhados em luta igual; e dando esta por finda, perdoamos de todo o coração aos nossos injustos aggressores: assim queirão elles depôr suas venenosas armas; e, como nós, convencer-se da necessida-

de de sermos todos moderados, justos, tolerantes, e dedicados ao bem da provincia.

### A' PEDIDO.

Resposta do sr. major Justiniano.

(CONTINUAÇÃO DO N.º 56.)

Eu disse que no tempo de outros collectores, que confessei serem probos e honrados, e que o sr. Puty não pode contestar, pois é justiça, que se lhes faz, corrião sellos sem assignatura, ou rubrica delles, e disso sabe muita gente, que foi testemunha ocular; quanto á firmas falsas, á acreditar-se o que se diz, se derão em outros documentos da collectoria, que, confesso, ainda não vi.

Diz o sr. subdelegado que nunca a collectoria se viu em uma completa anarchia, como durante a minha serventia, em que tem sido occupada por sete collectores de maneira que dias houverão, em que o proprio escrivão não sabia com quem estava servindo. Em falta de materia para accusar-me apresenta o sr. Puty na nova edição de sua obra mais este episodio, em que, destruindo-se com a maior facilidade o facto de ignorar o escrivão quem era o collector, se acha a minha defesa. Que importa servirem sete collectores? Por ventura a arrecadação foi interrompida? Soffrerão os interesses da fazenda? Serão os srs. capitães Bacellar, (mestre de s. s.) Faustino e Lopes, tenente Cunha Meirelles, e alferes Bernardes capazes de desviar os dinheiros fiscaes de seu verdadeiro caminho? É sabido por muita gente que desde 1852 soffro constantemente em minha saude, e que com sacrificio desta exerceo o cargo de collector, cujo lucro, por maior que fosse, jámais compensaria esse sacrificio; nem sempre pois tenho podido estar em exercicio, como tambem nem sempre se acha presente nessas interrupções o meo substituto; e para não haver transtorno na arrecadação, tenho encarregado della á esses srs., que com o maior zelo hão occupado o meo lugar, já promovendo os interesses da fazenda, já dando delles boas contas, pelo que, aproveitando-me desta occasião, rendo-lhes os meos cordiaes agradecimentos. Em uma villa pequena, como esta, de poucas pessoas habilitadas para servirem nesse emprego, não se pode encarregar exclusivamente da substituição a uma, que não se acha todas as vezes, e por isso recorre-se ora a esta, ora aquella. Se assim o tenho feito—mostro que nunca hei deixado em abandono os negocios fiscaes á meo cargo, que tem tido a sua marcha constante e regular, nunca se dando falta de arrecadação e remessa das rendas no tempo marcado, como no exercicio de outros collectores por deleixo e falta de escripturação commettida pelo sr. escrivão Puty, que desta forma é quem anarchisava, e até paralisava a collecta. Não é de estranhar que dias houvessem, em que o sr. escrivão Puty ignorava quem me estava substituindo porque desde janeiro de 1857 não veio mais a collectoria, motivo que me levou á pedir a sua demissão, pois, com quanto o seu substituto o sr. alferes [?] muito bem se desempenhas-

se via em embaraços para dar conta do expediente das collectorias. Mas o sr. alferes Norberto, que é incapaz de faltar á verdade, pode dizer se quando eu tenho passado a collectoria á outro, que não seja o meo substituto, o hei prevenido disso, ou não. O sr. Puty não pode tisnar por ahí a minha honra, e a desses srs., á quem, pela maior parte, trata com desdem, e que se estranhariao á si proprios no dia, em que o sr. Puty os elogiasse, tal é o desfavoravel conceito, q' de s. s. fazem, e o soberano desprezo, que lhe votão.

Descobrio emfim o sr. Puty um achado! é a incompatibilidade na serventia simultanea de collector e escrivão entre parentes em gráo mui proximo, o que se dá entre mim e Benjamin José Teixeira, que sendo meo primo legitimo, propuz para substituí-lo! Eu explicarei essa minha proposta com que o sr. Puty quer pôr em duvida a minha honradez e bou fé. Já dei a razão porque sollicitei a demissão do sr. Puty de escrivão das collectorias; tinha de propôr quem o substituísse, e sendo ainda mais raras nesta villa as pessoas, que podem desempenhar-se bem nesse lugar que exige do empregado que tenha este principios de contabilidade, e calligraphia, sem consultar o *Roteiro dos Collectores*, propuz aos srs. inspectores geral, e provincial a Benjamin, em quem, sobre possuir essas habilitações, eu deposito toda a confiança para o bom desempenho do emprego. O sr. inspector da thescuraria de fazenda aptovou immediatamente a proposta, e da administração de fazenda, porem, não respondeo-me. Passado algum tempo encontrando eu no *Roteiro* essa presumida incompatibilidade, dirigi-me de novo ao sr. inspector provincial á respeito da demissão do sr. Puty, e disse-lhe que, se havia tal incompatibilidade na serventia de Benjamin conmigo, por ser-nos primos, eu proporia outro individuo. Na administração de fazenda existe esse outro meo officio, que o sr. inspector tambem não respondeo. Entretanto aconselhei ao nomeado pela geral que não entrasse em exercicio em quanto o sr. inspector provincial não declarasse se havia com effeito, ou não a incompatibilidade, porque, no caso affirmativo, eu faria nova proposta ao sr. inspector geral. O que digo é tão exacto que o sr. alferes Norberto continua a servir como substituto sem partilhar a porcentagem com Benjamin. Quando em junho deste anno fui para a assemblea provincial, fiz sentir ao exm. sr. Junqueira a necessidade da demissão do sr. Puty, e fallei-lhe da incompatibilidade; s. exc. disse-me que eu lembrasse ao sr. inspector que apresentasse em junta a minha proposta, e que entendia não haver a incompatibilidade. A vista desta declaração verbal de s. exc., que levei ao conhecimento de Benjamin quando aqui chegou do Maranhão em fins de setembro deste anno entrou elle em exercicio de escrivão no 1.º de outubro, para cujo lugar já estava nomeado á perto de um anno. Eis o que se tem dado sobre a demissão do sr. Puty, e sua substituição, e julgue quem estiver despido de prevenções se tenho obrado, nesse negocio, de má fé, e faltando a minha honra.

que aponte um facto na curta serventia de seu successor que o deshonre, e a mim. Além do que fica expellido sobre este ponto, note-se que essa incompatibilidade, que constitue o grande achado do sr. Puty, é apenas opinião do auctor do *Roteiro*, opinião derivada do que dispõe a Ordenação do L. 1.º Tit. 79, § 45, mas controversa por não ter sido ainda sustentada por decisão alguma do governo. Antigamente erão os juizes com seus escrivães os arrecadadores das taxas e impostos, e por isso, não podendo servir escrivães com juizes parentes, havia essa incompatibilidade, que parece, não se dá com os collectores de hoje, que não são juizes.

Finalisaria aqui, srs. redactores, a minha resposta a correspondencia do sr. tenente Manoel Ferreira Puty, mas ainda ha um pontinho, que não deixo passar desapercibido, é relativo ao *signal de gratidão* que dei a s. s. pedindo a sua exoneração de escrivão da collectoria. Esta questão de signaes, ou provas de gratidão, sr. Puty, tem muitos *prós*, e *contras* mas eu não quero entrar nella, porque nunca lh'as dei, e nem pude fazer-lhe o menor favor, que lhe exprimisse meo reconhecimento, sendo nisso tão infeliz que nem s. s. quiz uma só vez proporcionar me occasião de empregar-me em seu serviço. Agora sim vejo que o sr. Puty queria que eu deixasse-o, *por gratidão*, continuar á servir o emprego de escrivão da collectoria, mas isso eu não podia fazer-lhe, sr. Puty, porque eu não devia sacrificar as minhas obrigações deixando de pedir a sua exoneração, que reconhecia de necessidade pelo motivo que fica indicado, e sem pesar no meo espirito o menor odio pessoal a s. s., á quem ainda hoje mesmo o não voto. Continue s. s. a cultivar esse *inseparavel e nobre sentimento* de gratidão, que *lhe é innato* e que *por fatalidade minha* ainda não pude comprehender, e menos agasalhar em meo peito.

Queirão, srs. redactores, levar aos seus prélos o que venho de dizer, pois que o meo silencio seria a sanção de tudo o que avançou o sr. Puty; e fiquem certos de que mais obrigado lhes será o

Seu constante leitor

Justiniano Augusto Leite Pereira.

Valença 1.º de dezembro de 1858.

P. S.—Acabo de lér no *Expectador* n.º 13 uma correspondencia do sr. major Manoel José Nogueira, NOBRE descendente de Alexandre de Gusmão (nao aquelle illustre Paulista, de quem nos falla a historia patria) na qual me dá elle um *quináo* por ter eu commettido um crime de lesa-propriedade classica, escrevendo—*etate*—em lugar de—*etatibus*—que vem naquelle verso do poeta latino—*Ambo florentes &*— Eu não sou versado nos classicos, as citações, que faço, são de orelha, é mais um arrójo meo, de que pessô perdão a s. s. que mostra ter mais gosto pela lingua de Virgilio do que pela de Camões, pois estropeou tanto esta, e especialmente naquelle parenthesis de sua magra correspondencia, a minha alusivo, que bem mostra a sua predi-